

## MEMÓRIA CULTURAL

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.5552741>

Mariza de Souza Covary

**RESUMO:** A memória cultural como símbolo social de preservação da identidade faz parte das questões relacionadas à memória e identidade culturais que têm sido abordadas por diferentes estudiosos e intelectuais de diferentes partes do mundo, alguns dos quais analisados por pesquisadores que assumem suas próprias posições uma vez concluída a análise. Este é um estudo que nos permite compreender a importância da memória cultural e como se molda a vida dos diferentes grupos e coletivos que subsistem na sociedade, uma vez que ao longo dos anos as identidades dos povos vão se configurando nos diferentes coletivos. Por meio de festas, cerimônias, ritos, interações sociais, costumes, hábitos, tradições, construções típicas de um lugar, também está associada a lugares onde ocorreu algum acontecimento significativo ou único, é composta por toda uma série de elementos que constituem a memória de coletivos construídos e fortalecidos ao longo dos anos. A memória cultural é a construção e afirmação da identidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória Cultural, Identidade, Cultura.

**ABSTRACT:** Cultural memory as a social symbol of identity preservation is part of the issues related to cultural memory and identity that have been addressed by different scholars and intellectuals from different parts of the world, some of which have been analyzed by researchers who take their own positions once complete the analysis. This is a study that allows us to understand the importance of cultural memory and how the life of different groups and collectives that subsist in society is shaped, since over the years the identities of peoples are being configured in different collectives. Through parties, ceremonies, rites, social interactions, customs, habits, traditions, typical constructions of a place, it is also associated with places where some significant or unique event occurred, it is composed of a whole series of elements that constitute memory. of collectives built and strengthened over the years. Cultural memory is the construction and affirmation of identity.

**KEYWORDS:** Cultural Memory, Identity, Culture.

### 1. Introdução

O estudo da memória é um fenômeno interdisciplinar e internacional que está firmemente estabelecido nas ciências humanas desde o final do século XX. Pode-se

pensar que a necessidade de pesquisar a história se deve a um certo espírito da virada do século, segundo o qual a proximidade de um limiar de tempo implica a tendência de confrontar o passado imediato com vistas a tirar conclusões para o futuro. (ABREU, 2015).

A sistematização dos comportamentos humanos revela o conhecimento de indução do fenômeno cultural em que se geram novas visões que mostram o dinamismo e a relatividade dos processos da sociedade, aos quais a ciência deve se recontextualizar e projetar soluções alternativas em complementaridade com aqueles elementos que identificam e diferenciam uma coletividade humana. (DODEBEI, 2015).

A história dos povos é sempre resultado de processos culturais e sociais extremamente complexos. O seu conhecimento torna-se um imperativo necessário na vida dos homens, à medida que a sua história, os vestígios do seu passado que permitem aproximar-se das suas raízes, conferem identidade cultural e reafirmam o sentido de pertença a uma dada sociedade. (ALMEIDA e ROVAI, 2011).

A possibilidade de o historiador chegar a uma compreensão do presente é conferida pelo arquivo histórico, que se tornou um dos locais onde se preserva a memória dos povos. Neles, testemunhos e informações mostram a experiência humana. Cada história é uma sucessão de personagens e eventos que interferiram negativa ou positivamente no processo evolutivo de uma sociedade. Nesse contexto, o presente trabalho tem por objetivo analisar a importância da memória cultural no contexto social, na construção da história e da sociedade como um todo.

## **2. Desenvolvimento**

### **2.1 Histórico e evolução da memória cultural**

Tanto na Europa quanto na América Latina, o surgimento dos estudos da memória não seria concebível sem a contribuição das primeiras teorias desenvolvidas sobre o assunto na Europa no início do século. A crítica concorda que Walter Benjamin e Maurice Halbwachs foram os dois primeiros autores a estudar a memória, integrando-a no quadro de uma teoria moderna da cultura. Já em 1940 surgiram as

primeiras teorias da memória, ao estabelecer um contraste entre a forma de conceber a história do materialismo histórico e a historiografia clássica. (BENJAMIN, 2016).

Enquanto o fascismo avança na Europa e a estética do filósofo se afasta do marxismo ortodoxo, num clima de descrença absoluta em relação a qualquer forma de progresso para a humanidade, a memória assume uma missão de redenção histórica. A primeira das funções da memória para Benjamin é resgatar a história das catástrofes que ela trouxe. Para isso, seria fundamental romper seu continuum, libertar os elementos de sua aparência e reorganizá-los em uma nova unidade que os transforma (BENJAMIN, 2016).

Diante do procedimento sistemático e aditivo da história, a memória espacializa o tempo, torna-o de certa forma atemporal para que o curso da história pare. Seria preciso reconhecer no tempo que passa a toda velocidade um instantâneo - uma cena - do passado. Retido assim, como se fosse uma imagem, é associado a uma nova configuração na qual o presente pode ser reconhecido (DODEBEI, 2015).

Daí que, na contramão de um método científico que - de acordo com a metáfora de Benjamin - se enreda no rosário de relatos históricos de eventos e momentos isolados, o passado pode, por meio da memória, reivindicar seu direito e lançar luz sobre os conflitos não resolvidos do tempo atual. Fazer do passado histórico um “passado carregado de presente” (Benjamin, 2016, p. 261), ou seja, um tempo integral, é uma conjuntura revolucionária.

Outra das concepções fundadoras de memória dos anos vinte e trinta do século passado é a do coletivo *memoire* de Halbwachs. A teoria do sociólogo francês foi a primeira a nomear o fenômeno e estudá-lo sistematicamente. Embora a sua recepção na América Latina tenha tido um grande impacto, foi traduzido tardiamente (para o português em 1990). O conceito de “memória coletiva” que Halbwachs elaborou tem duas dimensões: por um lado, refere-se à memória autobiográfica do indivíduo, que se configura em um horizonte sociocultural e, portanto, desde seu início já é coletivo; por outro, o conceito tem uma dimensão cultural, uma vez que atua dentro dos grupos sociais não agora como uma interação imediata, mas por meio de expressões e instituições objetivadas. (HALBWACHS, 2006).

O cerne da teoria de Halbwachs é o termo "estruturas sociais" (*cadres sociaux*). Segundo essa ideia, o ser humano é um ser social que, sem trocas com outros pares, não tem acesso à linguagem, nem aos costumes, nem mesmo à memória individual, visto que o maior número de experiências na vida de uma pessoa é o ser humano, são fundados no vínculo com os outros. Mas, acima de tudo, as estruturas sociais constituem uma metáfora que permite expressar a circulação de conhecimentos sobre o passado, noções herdadas, tradições de pensamento; em suma, são esquemas mentais que orientam a percepção e a memória (HALBWACHS, 2006). Assim, de acordo com Halbwachs, os seres humanos fazem parte de uma ordem coletiva simbólica e somente dentro dessa ordem eles podem lembrar e dar sentido ao passado.

De acordo com Bezzerra e Oliveira (2013), cada sociedade possui uma cultura específica da memória que estabelece prerrogativas sobre o que não deve ser esquecido. O conjunto de textos, imagens, danças, performances, ritos e obras de arte recorrentes que cada sociedade possui e constitui o acervo de memória cultural. Por meio de seu cuidado, uma sociedade pode transmitir conhecimentos compartilhados sobre o passado, o que cria em si uma consciência de particularidade e pertencimento.

Para Camargo e Goulart (2015), a memória cultural é basicamente oposta à memória comunicativa. Enquanto este último transmite experiências no âmbito da biografia das pessoas e surge por meio da convivência e da interação social, a memória cultural vincula o passado ao presente por meio de representações simbólicas. Quando a memória viva de uma comunidade é mantida oralmente após três ou quatro gerações, corre-se o risco de desaparecer e instalar-se a necessidade de formalizar a memória. A passagem para a simbolização seria, portanto, a única forma de garantir a reprodução da memória para além de um horizonte comunicativo direto.

A memória assim contida nas objetivações culturais pode resgatar em novos contextos o que foi produzido em um tempo e lugar remotos. Desta forma, caracteriza-se por sua independência espacial e temporal da vida cotidiana. Como as cristalizações culturais carecem de imediatismo, elas sempre evocam à revelia

experiências passadas e relacionamentos perdidos que desejam se recuperar. A paradoxal coexistência de presença e ausência que caracteriza a memória cultural e que os autores resumem com o oxímoro "contra-presente" é explicada quando observamos que o que deixou de ser atual e deixou de exercer efeito direto na vida cotidiana, muitas vezes ele se lembra com mais intensidade, reencontrando nossa realidade de forma simbólica (CASTRIOTA, 2009).

Recentemente, os conceitos de memória cultural e memória coletiva foram expandidos por Nora Pierre (1984), que inclui em sua definição "todos os processos orgânicos, midiáticos, institucionais nos quais a inter-relação e a influência mútua entre passado e presente desempenham um papel no contexto sociocultural". Assim, a memória coletiva não seria o outro da história, como para Halbwachs, nem o outro das memórias individuais, mas sim o contexto em que se dão os diferentes fenômenos culturais e isto, em sentido amplo, das redes neuronais ao estudo das tradições. Além disso, seria um modelo que concebe o caráter multidimensional, criativo e processual da memória (CAMARGO e GOULART, 2015).

Essa definição pós-moderna de memória também é tido como as "culturas da memória", uma pluralidade que entende a cultura do ponto de vista da semiótica e da antropologia. e permite abranger fenômenos heterogêneos da memória coletiva em diferentes partes do mundo. O interesse atual por fenômenos como transculturação, globalismo e cosmopolitismo também tem como pano de fundo essa concepção de memória. O conceito de memória coletiva, assim entendido, finalmente agrega à teoria de Assmann - centrada no estatismo e na homogeneidade das culturas letradas - também a análise de fenômenos da cultura popular ou das práticas de memória cotidianas ou contemporâneas (ALMEIDA e ROVAI, 2011).

Outra teoria corretiva ou complementar é a "memória social" de Harald Welzer. Enquanto os Assmanns desenvolveram prodigamente o conceito de memória cultural, o de memória comunicativa foi relegado como um mero oposto e, como tal, foi vago em sua definição e menos maleável em sua aplicabilidade. Com base na história oral, Welzer busca seu objeto de estudo justamente na memória comunicativa e pretende especificar o conceito teórica e empiricamente. Acima de tudo, ele se interessa por estudar as formas de memória que surgem da interação concreta entre

as pessoas, por isso se propõe a trabalhar com o que chama de práticas de memória social (RIGNEY, 2005).

Para neutralizar a dificuldade de estudar a memória coletiva em seu desenvolvimento natural e vital, Welzer desenvolve o método de transmissão da consciência histórica, com o qual analisa a socialização e a psicologia que fundamentam as práticas de memória entre gerações. Uma de suas características, ele confirma, é a involuntabilidade que faz com que muitas das memórias coletivas sejam construídas de acordo com o princípio que incentiva o jogo do telefone sem fio, isto é, a memória é deformada através das gerações de tal forma que o avô nazista se transforma, na memória do bisneto, em um herói de guerra nacional (RIGNEY, 2007).

Entre os estudos da memória não faltam reflexões sobre as formas do esquecimento, seu par complementar, mas não como em Nora, entendida como a polaridade negativa da memória, mas para mitigar os riscos associados ao excesso de memória histórica, principalmente quando é sobre como superar eventos catastróficos do passado.

Paul Ricoeur, por sua vez, distingue entre três formas de esquecimento que atuam não como pólo oposto da memória, mas entre dois planos distintos da memória, a saber, a memória profunda, como inscrição ou conservação, e a memória manifesta, relacionada com a evocação e a lembrança. Na passagem de um plano a outro, o esquecimento pode ser passivo, evasivo ou ativo. Enquanto o primeiro tipo de esquecimento coincide com o trauma, é involuntário e inconsciente, o segundo tipo está relacionado ao recalque, ou seja, é uma estratégia de negligência ou omissão. O último tipo de esquecimento, por outro lado, seria o modo seletivo e interpretativo das memórias (RICOEUR, 1999).

Nesse sentido, a memória, concebida como reservatório total e externo, nada mais faz do que engendrar hostilidade e violência ou, no melhor cenário possível, remove o peso da responsabilidade moral dos cidadãos. Numa metáfora apropriada, Welzer e Giesecke (2012) descrevem que os monumentos e outros locais de memória são como pessoas serenas que patrulham as ruas e zelam pelos bons sonhos dos

cidadãos. Assim, a memória, arquivada externamente, afasta o dever de memória do ser humano que, paradoxalmente, pode esquecer com alívio.

## **2.2 A memória cultural e a sua importância para a sociedade.**

A memória histórica dos povos é aquela que encerra a história em um todo único que integra os elementos, acontecimentos e fenômenos ocorridos no passado, que identificam os grupos. Por memória histórica entendemos a série de acontecimentos cuja memória preserva a história nacional, não é ela, mas seus quadros, que representam o aspecto essencial do que se denomina memória cultural (VELHO, 2009).

A "memória coletiva" seria para Halbwachs (1950) uma consciência do passado compartilhada por um conjunto de indivíduos, mas também um conjunto de representações coletivas. As memórias coletivas são o resultado de dialéticas, tensões, conflitos, interações e negociações sociais. Os exercícios de memória e memorização, além de ser um recurso cultural, são um instrumento retórico, ideológico e político, que vale a pena resistir.

Uma perspectiva dos fenômenos da memória coletiva e, portanto, pode ser usada para analisar a lógica da memória cultural em períodos históricos pré-nacionais, nacionais e pós-nacionais. Nesse sentido, foi criada, com base na teoria da diáspora de Clifford, o conceito de "memória itinerante" para indicar que a memória está em constante movimento junto com os seres humanos e seus meios de comunicação. Muitos dos fenômenos que estaríamos dispostos a considerar próprios da memória cultural, estáveis e particulares a um determinado grupo social, são na verdade transculturais desde a sua própria origem.

Para Erll (2011), a memória viaja de cinco maneiras diferentes: com as pessoas (que carregam mitos familiares e suas culturas de origem em suas diásporas), com a mídia (livros ou outros objetos portáteis), com imagens (esculturas, pinturas, fotografias), através do conteúdo (diagramas, ícones, narrações, símbolos) e finalmente através das práticas (costumes, rituais). Essa memória móvel pode começar a ser identificada, embora ainda de forma incipiente, também nos processos

de memória e para o continente latino-americano estáveis e particulares de um determinado grupo social são, na verdade, transculturais desde sua própria origem.

Nessa perspectiva, a memória coletiva faz parte das experiências vividas pelos indivíduos, que as compartilham entre si e são transmitidas por gerações. São também as representações que o coletivo tem do passado vivido que foi resultado de diferentes processos de interação social entre os sujeitos. São também um instrumento ideológico e político, uma vez que fazem parte do pensamento e dos modos de agir dos indivíduos dentro de seus grupos, em relação a esses elementos Ribeiro (2016) levanta suas reflexões:

A memória coletiva tem mais a ver com "a história que os membros do grupo compartilham sobre seu próprio passado e que constitui sua identidade". É uma narrativa construída a partir do presente, com o propósito de interpretar o passado com base em critérios normativos e avaliativos, selecionando por sua significação as memórias de acontecimentos vividos ou recebidos por transmissão social, e que serve para configurar as identidades do grupo, sua ideologia ou visão de mundo, projetando-os na luta pela própria afirmação e pela hegemonia contra outros grupos (Ribeiro, 2016, p. 297).

A identidade da memória cultural indica que essa memória é a história compartilhada pelos membros de um grupo sobre seu passado, contribuindo assim para sua conformação coletiva. Os acontecimentos que são recordados são aqueles que tiveram significado para o grupo, o que permite consolidar a sua identidade, ideologia e visão de mundo. Para Santos e Fernandes (2020) afirmam que a memória cultural:

É a recuperação de antigos centros urbanos, (...), a popularização da escrita de memórias e biografias, a multiplicação de arquivos, datas comemorativas e placas memoriais, o resgate de memórias regionais e museus, etc. Nesse sentido, a identidade está sempre ligada à memória, e em uma época marcada por fluxos territoriais e extensa mobilidade global (entre as quais devemos destacar migrações massivas e experiências de deslocamento e realocação) que apagam lugares e identidades de pertencimento, a memória constitui um substantivo núcleo de reforço da identidade (Fernandes, 2020, p. 234).

Em correspondência com ideias anteriores, Melo e Cardozo (MELO e CARDOZO, 2015) apontam uma série de fenômenos que constituem um exemplo de memória cultural indispensáveis à identidade. É importante destacar a influência que as migrações têm na memória, que fazem com que as identidades dos grupos se



percam. É neste momento que a memória cultural intervém e permite, através das recordações das experiências vividas pelos grupos, preservar a sua história e identidade.

Seguindo as ideias dos autores anteriores, Ferreira (2012), aponta que a memória cultural pode ser entendida como:

Um campo de luta pela construção de identidades e identificações que o consolida e fortalece, sua ausência o fragmenta e fragiliza. O exercício de lembrar não é apenas um ato individual, é também um processo coletivo. Dessa forma, grupos da mesma geração vivenciam reforços de memórias compartilhadas, deformações parciais progressivas e amnésias coletivas. Lembramos apenas partes do passado, registradas na memória. As pessoas se lembram de aprender com o passado que viveram e vivem em memórias coletivas. É um processo criativo em que o passado é elaborado, reproduzido e reinterpretado na sociedade (FERREIRA, 2012, p.175).

Em sua avaliação, o aluno assume a memória cultural como o terreno que constitui as identidades dos povos, que a consolidam e fortalecem. Ele argumenta que sua ausência a fragmenta e a fragiliza, assim tem papel indispensável da identidade na memória cultural dos grupos. Ele reafirma que o ato de lembrar não é individual, mas coletivo, nesse sentido acompanha as ideias de Halbwachs ao apontar que é compartilhado por um grupo de indivíduos. Também faz referência que por meio da memória coletiva dos grupos, o passado é elaborado, reproduzido e reinterpretado na sociedade (FERREIRA, 2012).

É válido significar as concepções levantadas por Agnes Heller (2003) sobre memória cultural no artigo Memória cultural, identidade e sociedade civil onde ela aponta:

A memória cultural é constituída por objetivações que fornecem significados de forma concentrada, significados compartilhados por um grupo de pessoas que os consideram óbvios. Podem ser textos, como pergaminhos sagrados, crônicas históricas, poesia lírica ou épica. Eles também podem ser monumentos, como edifícios ou estátuas, abundantes em signos materiais, signos, símbolos e alegorias, bem como depósitos de experiências, erigidos de forma memorável como lembretes. Além disso, a memória cultural é incorporada a práticas regularmente repetidas e repetíveis, como festas, cerimônias, ritos. A memória cultural, como a memória individual, está

associada aos lugares onde algum evento significativo e único ocorreu. A memória cultural é a construção e afirmação da identidade (2003: 5-17).

Em suas concepções, Agnes Heller concorda com as ideias levantadas pelos demais autores sobre a categoria, afirma que ela é formada por objetivações que fornecem significados, os quais são compartilhados por um grupo de pessoas que os assumem como próprios. Ele os exemplifica e aponta uma série de elementos por meio dos quais as memórias podem ser materializadas. Afirma que a memória cultural é incorporada em práticas repetidas, como festivais, cerimônias e ritos. Ela compartilha as ideias de Gilda Waldman ao argumentar que é a construção e afirmação da identidade e que os lugares históricos devem permanecer na memória cultural (HELLER, 2003).

Da mesma forma, Castriota (2009) para lidar com a questão, levanta que:

É a relação entre as próprias memórias e as de outros dentro de uma comunidade. "Podemos falar de memória coletiva quando evocamos um acontecimento que ocupa um lugar na vida do nosso grupo e que trouxemos à nossa memória, que o tornamos presente no momento em que o recordamos do ponto de vista daquele grupo. " A memória individual é um ponto de vista dentro do grupo, e é esse ponto de vista que fornece os elementos para reconhecer e significar o que precisa ser lembrado. Assim, pelo contato com o grupo ou com a comunidade podemos nos identificar com ele e confundir nosso passado com o dele. Conseqüentemente, a curta memória individual da memória coletiva e dos produtos culturais (2009, p.26).

Este autor fundamenta seus critérios levando em consideração a relação entre as memórias de um indivíduo e as do grupo a que pertence. Ainda, ao contrário dos outros, faz um parêntese e trata a memória individual dentro da memória cultural e refere que este é um ponto de vista dentro do grupo que é aquele que facilita os elementos para reconhecer o que deve ser lembrado. Ele argumenta que o contato com o grupo permite a identificação com ele e confundir o passado individual com o coletivo, é por isso que a memória individual nasce e se desenvolve a partir da memória coletiva e dos produtos culturais.

Mirta Varela (2001) em seu livro também aborda o termo e aponta:

A memória coletiva é definida "como um movimento duplo de recepção e transmissão, que continua alternadamente no futuro". Agora, o que "a memória cultural retém é aquela história que pode ser integrada ao sistema de valores". O resto é ignorado, esquecido. Ou seja, está diretamente relacionado com os valores do presente, "o caminho que está percorrendo" e que, portanto, "do passado só se transmitem episódios considerados exemplares ou edificantes" para os valores atuais. De uma sociedade (2001, p. 5).

As reflexões anteriores sobre a memória cultural confirmam que ela constitui um movimento dual que recebe e transmite memórias que se prolongam alternadamente no futuro. Em seus critérios, aprecia-se que os indivíduos façam sua própria história e por isso está integrado ao sistema de valores por ser uma parte individual de cada um deles. Indica que está diretamente relacionado aos valores do presente, que apenas aqueles episódios significativos e que representam algo importante para o grupo e os valores atuais de uma sociedade são transmitidos do passado. Nesse sentido, a memória coletiva é composta por aquelas aquelas memórias que um grupo compartilha, que nele circulam e que constituem sua identidade.

Da mesma forma, Abreu (2015), argumenta:

Sabe-se que uma das características definidoras do ser humano é sua capacidade de viver em contextos culturais. A cultura é importante na construção do mental, porém lhe é atribuído um papel secundário, é inerente ao pensamento e à ação humana. Isso e a mente são aspectos fundamentais na vida e nos pensamentos das pessoas. Uma vez que a psicologia está tão imersa na cultura, ela deve ser organizada em torno dos processos de construção e uso de significados que conectam o homem à cultura. Em virtude de nossa participação na cultura, o significado é tornado público e compartilhado e, dessa forma, a mente é conectada à cultura (2015, p. 36).

Em suas expressões, o autor aborda a importância da cultura para os processos mentais. Essa é uma ideia que não foi trabalhada anteriormente pelos demais autores, mas isso não significa que seja menos significativa. Suas concepções permitem compreender como o pensamento e a ação do homem estão vinculados à cultura, que se conforma às relações dos indivíduos em sociedade, conforme os autores anteriormente discutidos.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Uma vez traçados os pressupostos teóricos em torno da memória cultural, especifica-se que ela é constituída pelo conjunto de significados dos fenômenos e eventos significativos ocorridos no passado e que contêm normas e valores que identificam uma comunidade específica. Este é um processo realizado pelos membros do grupo com o objetivo de renovar o passado, evidenciando assim a memória cultural do grupo. A memória cultural constitui um tema em que se constroem identidades e identificações, que se consolidam e se fortalecem ao longo dos anos.

A título de conclusão, a memória cultural constitui uma expressão de identificação social que reflete o homem e os seus comportamentos, revela as variáveis da cultura ocorridas no passado, por sua vez proporcionando a sua identificação com o seu meio e o seu sentimento de pertença.

A preservação de memórias culturais é analisada como produto da criação, transformação de valores culturais. Constitui um sistema dinâmico de síntese de culturas em que a língua, as instituições sociais, as idiossincrasias, a cultura popular, as tradições, as relações humanas e as manifestações artísticas são agentes determinantes para os indivíduos como suporte do seu sentimento de pertença ao longo da sua história.

Assim, abordar a memória cultural de um território, região ou sociedade é complementada pela preservação que o homem faz e legítima no decorrer de sua história, e nisso o elemento cultural permite enriquecê-la a partir do conjunto de experiências, tradições e identificações realizadas. pelos sujeitos de seu ambiente e pela significação e representatividade que este se torna em sua história.

## **REFERÊNCIAS**

ABREU, Regina. Patrimonialização das diferenças e os novos sujeitos de direito coletivo no Brasil. In: TARDY, Cécile; DODEBEI, Vera (Org.) Memória e novos patrimônios. Marseille: Open Edition Press, 2015.

AGNES, Heller. Memoria cultural, identidad y sociedad civil. New York, USA. 2003.

ALMEIDA, Juniele R.; ROVAI, Marta G. O. Introdução à história pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

BENJAMIN, W. Technique et expérience: mélancolie de gauche (inétid) et autre textes. Paris: Association Culturelle Eterotopia, 2016.

BEZERRA, Eutrópio P; OLIVEIRA, Danielle A. Preservação da memória: técnicas e tecnologias alternativas para a salvaguarda de acervos documentais. In: Anais... Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, v.14, 2013. Disponível em: < <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000013832/2cc60270cbe878fc53c2da36645bdccc>> Acesso em: 02 jul 2021.

CAMARGO, Ana Maria; GOULART Silvana. Centros de memória: uma proposta de definição. Coleções Sesc Culturas. São Paulo: Edições Sesc 2015.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume, 2009.

DODEBEI, Vera. Memoração e patrimonialização em três tempos: mito, razão e interação digital. In: TARDY, Cécile; DODEBEI, Vera. (Org.) Memória e novos patrimônios. Marseille: Open Edition Press, 2015.

FERREIRA, M. M. História Oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOGO, C. F., VAIFNAS, R. (Orgs.). Novos Domínios da História/. Rio de Janeiro: Editora Elsevier. 2012, p. 165-190.

MELO, Alessandro de; CARDOZO, Poliana Fabíula. Patrimônio, turismo cultural e educação patrimonial. Educação e Sociedade. Campinas, v. 36, n. 133, p. 1059-1075, out.-dez., 2015.

RIBEIRO, Leila. Memórias inscritas, rastros e vestígios patrimoniais. In: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco Ramos de; GONDAR, Jô. Revista Morpheus, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 295-308, 2016.

RICOEUR, P., ARANZUEQUE, G. A memória do passado. Memória e esquecimento . Madrid: Arrecife, 1999.

RIGNEY, Ann. Plenitude, scarcity and the circulation of cultural memory. Journal of European studies, Kent, v. 35, n. 1, p. 11-28, 2005.

SANTOS, Larissa C.; FERNANDES, Fabio F. Desafios à preservação da memória cultural no Brasil: um estudo no município de São Borja. Revista Brasileira de História da Mídia-RBHM, v.9, n. 1, jan./jun 2020, p. 219- 236.

VELHO, Ana Paula Machado. A semiótica da cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. Revista de Estudos da Comunicação, v. 10, n. 23, 2009.

WELZER, H., GIESECKE, D. Das Menschenmögliche. Zur Renovierung der deutschen Erinnerungskultur . Hamburgo: Körber-Stiftung. 2012.